

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO: IDENTIFICANDO AS PRINCIPAIS FORMAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR.

Geovanildo Nunes de Oliveira ¹
Carlinhos Ivan Morinigo (Orientador)²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a violência escolar, um problema que invade as escolas e preocupa gestores, professores e todos os profissionais da educação. Os alunos cada vez mais apresentam um comportamento violento dentro da escola, seja uma violência verbal, física, psicológica ou até mesmo racista, prejudicando a aprendizagem e a educação em geral. Assim sendo, apresento os resultados referentes à minha pesquisa de doutorado, em que abordo o tema da violência escolar, comparando os resultados entre duas escolas públicas do estado da Paraíba, que são Campina Grande e Cabaceiras. Primeiro, discutimos sobre o tema a partir do aporte teórico sobre a violência, em que Yamasaki (2007), Abramovay e Avancini (2001) e Zechi (2014) ajudam na discussão sobre a violência escolar. Em seguida, são demonstrados os dados sobre a pesquisa, contendo as principais formas de violência ocorridas nas duas escolas. Finalizando com algumas considerações a respeito da pesquisa e de seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Violência; Escola.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema social que há muito tempo preocupa a população e os governantes, e agora podemos ver essa violência entrar nas dependências das escolas, gerando insegurança, medo e afetando diretamente o aprendizado de várias crianças e adolescentes.

A escola considerada uma instituição reguladora e segura, hoje vive de incerteza e com o medo da violência. Uma violência que antes acontecia apenas fora do ambiente escolar, hoje é presente dentro das salas, corredores e pátios escolares. Os alunos trazem a violência social para dentro da escola, ocasionando medo e insegurança.

¹ Geovanildo Nunes de oliveira, Doutor em Educação pela Facultat de Ciències Sociales Interamericana.
E-mail: geovanunes330@gmail.com

² Carlinhos Ivan Morinigo, Doutor em Educação.

Todos os dias têm notícias veiculadas nos meios de comunicação nacionais e internacionais, que nos apresentam esta triste realidade social e escolar. Alunos que batem e humilham seus pares, professores agredidos e humilhados pelos próprios alunos, e até professores contra alunos, o que é uma situação preocupante na sociedade contemporânea. Os episódios de violência dentro das escolas são chocantes, as vítimas na maioria das vezes não conseguem se recuperar dos traumas causados pela violência sofrida e terminam por se afastar da escola, tendo prejuízos imensuráveis.

Diante dessa situação vivida pelas instituições de ensino, procuramos observar esse fenômeno da violência escolar, com intuito de identificar as principais formas de violência inseridas no ambiente escolar.

Este artigo tem como objetivo apresentar parte dos resultados da pesquisa de doutorado, em que me propôs a comparar e identificar os tipos de violência presentes em duas escolas distintas do estado da Paraíba. O estudo envolveu a escola Municipal de Ensino Fundamental Abdias de Aires Queiroz, na cidade de Cabaceiras e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonino, em Campina Grande, duas cidades do estado da Paraíba. Ambas, porém apresentam contextos sociais bem diferentes. A pesquisa foi desenvolvida por meio de questionários, tanto para os professores das duas escolas, como para os alunos do 9º ano.

Farei considerações teóricas sobre o tema da violência escolar e como ela acontece entre os alunos, em seguida apresento um recorte dos resultados da minha dissertação, que demonstram a presença da violência escolar e quais as principais formas de violência identificadas nas duas escolas.

1. VIOLÊNCIA ESCOLAR

O Tema sobre o qual estamos nos debruçando não é recente, pois vem desde os anos 70, quando pesquisadores e pedagogos já se preocupavam com o avanço da violência na escola. A princípio, a violência dava-se pelas pichações, depredação e crimes contra o patrimônio. Foi a partir dos anos 90 que começou a ter incidência maior a violência dentro da escola, a partir das relações interpessoais, das agressões físicas e verbais, como também, por

meio do uso de drogas e com porte de armas dentro e nas proximidades da escola.

Os jovens, principalmente, aqueles que estudam em escolas próximas a áreas de vulnerabilidade, são alvos da violência, do tráfico de drogas e do medo e insegurança, causados por assaltos, vandalismos, briga de gangues, entre outras formas de violência. A violência da rua é trazida para dentro dos muros escolares, refletindo no comportamento dos educandos, em que eles repetem as agressões vistas no convívio social, levando-os a agirem também com violência. Dentro da escola, os alunos em suas relações e sociabilidade sentem-se na posição de demonstrar poder. Com isso, são levados a discriminar, agredir verbalmente e fisicamente os alunos mais fracos, para serem considerados os valentões e tiranos fatores que contribuem para o crescimento e desenvolvimento da violência, sejam sociais, de gênero, raciais e referentes ao próprio espaço onde a escola está inserida, como também, fatores relacionados à idade, série, projetos pedagógicos, relação professor/aluno e os fatores psíquicos, que são de grande importância. Por esta razão, não podemos olhar para este problema apenas por meio de um único ponto de vista, mas devemos ser guiados pela transdisciplinariedade para ampliarmos nossa visão sobre a violência. Segundo Abramovay e Avancini (2001, p.4):

O ideal, porém, é não isolar um único fator como possível causa ou antecedente. Prefere-se, em lugar disso, identificar conjuntos ou ambientes favoráveis à violência. Por isso, além de enfoques multidimensionais, vários autores defendem a importância da abordagem transdisciplinar.

Tal identificação reforça nossa intenção de trazer uma breve explanação acerca de alguns motivos que também influenciam no aumento da violência escolar, pois o assunto envolve vários ramos da ciência: sociologia, psicologia, psicanálise, educação, entre outras. Definir o que seja “violência” é algo complexo, porque depende da interpretação de cada pesquisador e de suas influências sociais, temporais, históricas e culturais, como também da localidade em que se estuda. Conforme Abramovay (2005, p. 54),

Além da multiplicidade de formas assumidas pela violência, existem diferenças entre períodos históricos e culturas no que tange à

compreensão sobre o tema. O que significa dizer que a violência é um conceito relativo, histórico e mutável.

Discutir sobre violência na atualidade é procurar referir-se a contextos sociais, culturais, históricos e de relações sociais. O termo “violência” e suas significações variam, muitas vezes, entre o simbólico e o metafórico, até porque em algumas situações ela aparece de forma velada, silenciosa, principalmente quando se trata de “atos de poder” e de “agressões psicológicas”. A violência escolar não é um termo simples de se tratar, ela nos traz uma diversidade de conceitos e entendimentos, é um confronto de ambiguidades e problemas que se escondem no termo e no tema da violência escolar.

Apesar da complexidade do tema, podemos identificar alguns fatores comuns, como a coerção, a imposição de força seja física ou psicológica, sempre mantida dentro das relações sociais, como também violências que estão relacionadas à violação dos direitos dos cidadãos. As formas de violência podem acontecer de maneira direta ou indireta, causando danos variados, psíquicos ou físicos ao indivíduo. Uma das consequências psicológicas é a gerada pela insegurança sentida por certos indivíduos diante do crescente quadro de violência, principalmente na escola, cujos danos, muitas vezes, ligam-se à desistência escolar.

O quadro atual da violência gera uma sensação generalizada de que a violência tomou conta de todos os ambientes, seja individual ou privado, provocando um sentimento de medo e incapacidade diante da crise social. A escola não se distancia desta realidade, pois a violência entra nos portões da escola provocando uma instabilidade nos alunos, professores em toda a equipe pedagógica.

A violência sempre está relacionada ao apagamento do outro. Ao quisermos nos impor e descarregar nossas forças psíquicas, emocionais e de dominação, temos sempre a intenção de anular aqueles mais fracos, “Outras definições de violência orientam-se por diferentes construtos: a violência como o não reconhecimento do outro; a violência como negação da dignidade humana; a violência como ausência de compaixão; a violência como palavra emparedada pelo poder”.(ZALUAR E LEAL apud ABRAMOVAY 2005, p. 58).

Muitas vezes, os próprios agressores escolares são vítimas da violência que acontece na família, na sociedade e na própria escola, o que os leva a agir da mesma maneira.

A imprevisibilidade da violência e a nossa exposição diante dela provocam a sensação de impotência e fragilidade. Somos bombardeados diariamente com notícias de assassinatos, assaltos, brigas e a grande influência das drogas e de traficantes na vida de nossos jovens. Toda essa exposição à violência cria em nós um imaginário coletivo e individual, representando a violência como algo incontrolável e irreversível, principalmente, quando nos deparamos com crianças e adolescente sendo agentes da violência. Preocupa-nos as consequências da violência dentro da escola, pois ela atinge diretamente o aprendizado, o crescimento mental e psíquico dos alunos, como também a continuidade dos estudos aos graus mais altos, afastando, assim, os jovens de possuírem um futuro promissor e melhoria de vida para ele e à comunidade.

O termo “violência escolar” deve ser observado em sua particularidade, pois a violência gera vários sentidos, dentre eles o de agressão física com o uso da força para intimidar, ameaçar e causar danos físicos à vítima, sendo de fácil ocorrência e percebido pela pessoa que sofre a violência. Devemos deixar claro que a “violência escolar” está relacionada aos atos de violência dentro da escola e nas suas proximidades. É difícil conceituar de forma específica o termo violência escolar, pois é um termo heterogêneo e que está relacionado com a própria violência social. No entanto, devemos nos ater a uma violência típica do meio escolar, que acontece de forma cotidiana e específica ao ambiente da escola. É necessário compreender e reconhecer que existe uma violência específica da escola, que necessariamente não é criminosa, porém não pode ser suportada, nem ocultada. Devemos entender o fenômeno e suas consequências para procurarmos soluções. Na maioria das vezes, a violência escolar é praticada de forma verbal, por meio de ameaças, agressões físicas e psicológicas, não sendo reconhecida como crimes. Esse tipo de violência social vem também preocupando muito a escola. No entanto, o que mais ocorre nas escolas são atos de inicializações, falta de sociabilização, intolerância, racismo e transgressões, conforme Zechi (2014, p. 21):

Nos últimos anos, ao lado das agressões verbais e ameaças, acrescentam-se ao contexto escolar brasileiro as tensões cotidianas, o narcotráfico, a presença de gangues e armas. No entanto, elas também chamam a atenção para o fato que, apesar do aumento da visibilidade da “violência dura”, o que mais ocorre nas instituições escolares brasileiras não são atos delituosos, mas sim transgressões, pequenos atos de agressões e de incivilidade.

É fato o aumento das transgressões e atos de agressões e incivildades na escola, mas não podemos minimizar esses atos de violência. Mesmo não sendo considerados crimes, eles podem causar consequências graves nas vítimas, como é o caso do Bullying, que é uma violência que vai além de agressões físicas. Essa violência pode ocasionar vários transtornos e problemas psicológicos para as vítimas. Dessa forma, observamos que na escola temos uma violência não apenas verbal e física, mas também uma violência oculta e que, muitas vezes, pode ser dissimulada e ocultada.

Além da violência externa e de fácil identificação, existe a violência simbólica, que é bem mais difícil de caracterizar ou definir. As formas de violência simbólica são sutis e de difícil acesso, pois nem sempre esse tipo de violência se apresenta como ato, como relação ou estrutura fácil de identificar. A violência simbólica muitas vezes se disfarça de atos do dia a dia, corriqueiros; dissimula certa naturalidade em suas práticas. Por conseguinte, precisamos ir além das aparências, para conseguir identificar esse tipo de violência.

Como na sociedade, a violência apresenta uma estrutura de dominantes e dominados, fortes e fracos, em uma ordem que vai além das questões físicas. Assim, a violência avança para um lado social, cultural e ideológico, em que as ideias, regras e conceitos com que impõe aos mais fracos aceitar as regras dos mais fortes.

A violência está sendo banalizada pela sociedade, forma que provoca maior crescimento e disseminação dos atos violentos. Essa banalização devesse às relações sociais e interpessoais que vêm passando por modificações e, conseqüentemente, dissabores, pois as pessoas não respeitam mais as outras, não se importam com as necessidades dos outros, havendo sempre uma concorrência. O ser humano tornou-se mais egoísta e

fechado em seus próprios desejos de consumo, sucesso e poder, sem interessar-se se vai ter que derrubar ou eliminar o outro.

A banalização da violência deve-se a crescente insucesso e dissabores entre as pessoas, numa expressão de conflito e confrontações antes não observadas e que agora são facilitadas pelas mudanças estruturas e mundializadas, que passam pelos significados e outras motivações e que vão além das condições estruturais da sociedade. (YAMASAKI, 2007, p.68)

Conforme a autora Yamasaki (2007), a sociedade não tem mais referências localizáveis. Com a mundialização, as pessoas estão mais distantes e, com isso, tornam-se mais difícil a formação de identidades integradas. As relações parecem não ter mais nada que as sustente ou as faça fortalecer. Contudo, parece que a sociedade vive em um estado de alienação, desintegração e individualismo, gerando, assim, consequências graves como a banalização da violência, e também de seu crescimento.

A tese da referida autora apresenta a sociabilização e a reconstrução de laços interpessoais como solução para a redução de tanta violência. Uma forma de revitalizar o respeito e o reconhecimento do outro como ser humano, pessoa e indivíduo participante de um grupo. A sensibilização do ser humano pode facilitar uma melhor apreensão e busca por soluções para o problema da violência, seja ela social ou escolar.

A violência social e escolar muitas vezes causa confusão. Ficamos sem saber como separá-las, pois a violência escolar reflete a violência social. No entanto, a violência escolar envolve o espaço onde ela é gerada, muitas vezes a violência acontece nos arredores da escola, no caminho de casa até a escola. A escola também pode sofrer de uma violência que venha da rua, como assaltos, invasões por traficantes e pessoas usuárias de drogas. Ato que amedrontam, intimidam e ameaçam as atividades escolares. Uma violência cujo motivo não tem a ver com a educação, mas com o próprio quadro social de violência, uma violência de fora para dentro. A escola neste tipo de violência poderia ser qualquer outro lugar, pois a violência não está relacionada com suas atividades.

Porém, a violência escolar é uma modalidade que causa preocupação e terror a todos os envolvidos no processo educacional, pois, segundo Marília Spólito (2002), a violência escolar:

É a modalidade que mais tem atemorizado pais, alunos e professores, quando percebemos que a escola é devassada pelas práticas de delitos criminosos que afetam a metrópole em seu dia a dia. O sentimento de insegurança decorre da sensação de que o local de trabalho, onde vivem crianças e jovens, está exposto à violência sem qualquer mecanismo de proteção. (SPÓSITO, 2002, p. 249).

Dessa forma, todos nós educadores, como também pais e alunos ficamos preocupados diante de tanta violência, seja uma violência que vem de fora da escola, a violência social; seja a violência gerada dentro da escola, pois ambas afetam de forma drásticas as relações pessoais e educacionais. As fronteiras que diferenciam violência social de violência escolar hoje não estão muito nítidas. Por isso, é preciso que a escola tenha maior cuidado e critério para não confundir condição social do aluno com a autoria dos atos de agressão e violência dentro da escola.

Podemos considerar alguns atos de violência específicos da violência escolar, pois eles podem estar relacionados com atos contra o prédio da escola e seu patrimônio material, como podem ser atos decorrentes das relações interpessoais, relações de hostilidade que atingem a todas as escolas brasileiras, sendo realizadas tanto entre os próprios alunos, quanto contra professores, ou mesmo praticados pelos professores contra alunos.

A violência escolar pode ainda estar relacionada aos vários preconceitos vistos na sociedade, como o racismo, em que a questão da raça e da cor leva os jovens e adolescentes a excluírem e agredirem fisicamente ou verbalmente as pessoas negras. O preconceito a homossexuais também é um tipo de violência que vai além da agressão física perceptível, pois muitas vezes acontecem entre os alunos, em momentos como o intervalo, no lanche, e de forma discreta porque os professores não conseguem identificar ou, ainda, pelo simples fato de excluir dos grupos pessoas com essas características.

A convivência escolar e as práticas de relação pessoal são alimentadas por hábitos sociais de distinção entre os adultos da escola e os alunos, impossibilitando a sociabilização entre educadores e alunos, como também a

interação cultural entre eles. “o isolamento dos grupos populares mantém os “guetos”, e proporciona o contato e a interação das crianças e adolescentes desses grupos com a criminalidade”. (YAMASAKI, 2007, p.73).

As relações estabelecidas dentro da escola, nas quais professores e alunos não conseguem desenvolver proximidade e afetividade também são apontadas pela autora como uma forma de favorecer o crescimento da violência, pois essa segregação estimula à formação de “guetos”, em que os alunos ficam mais vulneráveis as práticas sociais de criminalidade. Os alunos, muitas vezes, trazem de seu ambiente familiar, social e cultural, carências afetivas e interpessoais, esperando encontrar na escola a compensação para essas carências. No entanto, na escola é gerada mais violência, criando, assim, um abismo imenso entre educadores e alunos, como também entre os próprios alunos, contribuindo para a disseminação da violência. Dessa forma, precisa-se entender a escola como um ambiente que necessita além de trabalhar o conhecimento técnico e científico, compreender os relacionamentos e afetos, como meio de reduzir esses casos de violência. “A escola precisa assumir cada vez mais esta dimensão da formação e interação humana.” (YAMASAKI, 2007, p. 74).

Portanto, a escola se torna palco para a disseminação de vários tipos de violência, como: vandalismo, pichações, agressões físicas e verbais, uso de drogas, porte de armas entre outros tipos de violência.

Diante do contexto escolar e da disseminação da violência no âmbito da educação, podemos identificar duas formas de violência: a objetiva (material e física) e a violência subjetiva (simbólica). A violência objetiva está qualificada pelo vandalismo, agressões físicas, porte de armas dentro da escola entre outras formas diretas de agressão ao patrimônio e à integridade física dos professores e aluno.

A violência subjetiva ou simbólica é bem mais difícil de ter acesso direto, pois envolve uma série de fatores subjetivos dos alunos, dos professores e de suas reações diante da própria violência objetiva.

A violência simbólica parte das relações pessoais, principalmente as que demonstram as diferentes formas de poder. As agressões físicas e psicológicas são formas de impor o poder sobre o outro, demonstrando quem impõe as “regras” do jogo, para poder determinar aqueles que são mais fortes. Dessa forma, percebemos a violência simbólica emergir nas relações dentro da escola.

A força da violência simbólica coloca significações de legitimar e naturalizar pela imposição do poder. Esta violência está diretamente relacionada a situações discriminatórias e excludentes, pois intimida e dissimula os indivíduos a formarem laços de socialização, como também provoca um clima de desconfiança e desinteresse. Os alunos são violados tanto por meio físico quanto em suas estruturas e integridades psicológicas, pois se sentem ameaçados pela violência, e por seu apagamento diante do outro.

A escola, diante desses vários tipos de violência, deve primar pelo estudo desse problema que afeta de forma universal a educação, buscando meios e processos nos quais possibilitem a resolução e o combate à violência dentro e fora da escola, pois a escola é a ferramenta principal da sociedade para combater esse tipo de problema social, pois segundo Pereira (2012, p.15),

Enquanto instituição de escolarização formal, a escola deve ser defendida, os processos de desenvolvimento do indivíduo que nela ocorrem devem ser estudados e as melhorias, buscadas, afim de que desenvolvamos indivíduos felizes, justos, críticos e transformadores, que possam retomar à sociedade o desejo e os meios para construção de uma sociedade mais igualitária.

Diante dessa preocupação e do fenômeno da violência escolar, procuramos identificar algumas das violências que ocorrem na escola, como as agressões verbais e físicas conhecidas como “BULLYING”, que também envolve uma violência simbólica, por ser uma forma devastadora de sonhos e esperanças, silenciando e fazendo a vítima sofrer.

2. METODOLOGIA

Nossa pesquisa se deu dentro do modelo da educação comparada, buscamos por meio sistemático comparar a ocorrência da violência em duas

escolas, para podermos avaliar se a violência se comporta de forma distinta entre elas, e quais os tipos de violência predominantes nessas escolas, pois são escolas de contextos socioculturais diferentes.

A pesquisa aconteceu em duas cidades, a de Campina Grande e a cidade de Cabaceiras. As duas cidades foram escolhidas, justamente, pela diferença demográfica, econômica, social e situação de violência instaurada entre elas. Como podemos observar, as cidades possuem estatísticas bem distantes uma da outra, em relação ao nível educacional, e principalmente, em relação ao índice de violência. Diante desses dados procuramos realizar nossa pesquisa entre os alunos do 9º (nono) ano do ensino fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Abdias Aires de Queirós, na cidade de Cabaceiras, e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonínio, na cidade de Campina Grande. As escolas por estarem em cidades distintas, e com realidades sociais diferentes, apresentam-se possíveis de serem comparadas e de como a violência se dá nos dois contextos, como também, identificar quais os tipos de violência que prevalecem em cada uma delas.

Nossa pesquisa se deu entre alunos do 9º ano do ensino fundamental das duas escolas, como também aplicamos um questionário com os professores das turmas envolvidas. Aos alunos, aplicamos um questionário com 14 perguntas objetivas. Nesse questionário, solicitamos informações acerca do sexo, idade, se já sofreram algum tipo de violência, qual tipo de violência sofrido, entre: Violência sexual, física ou verbal, quais os agressores entre: professor, aluno, diretor. Foram questionados se praticavam algum tipo de violência, se portavam armas na escola ou se já viram alguma. Os meios utilizados pela escola para combater a violência escolar também foram questionados e o sentimento dos alunos ao enfrentarem casos de violência na escola, pois a violência é um problema que interfere drasticamente nas relações pessoais e no aprendizado dos alunos.

Os professores responderam um questionário subjetivo de questões abertas, em que continham 5 questões relacionadas à percepção dos educadores em relação à violência na escola. Foram solicitadas de forma aberta as seguintes questões: sexo, idade, tempo de serviço e, por

consequente, cinco questões sobre a violência. Se eles tinham conhecimento de violência dentro da escola e qual tipo de violência eles detectam. A relação professor e aluno também foi questionada. Os professores foram questionados a respeito do cotidiano escolar de qual forma a violência é percebida no dia a dia da escola e quais soluções e sugestões eles apontam como meio de resolver a problemática da violência na escola. Estes questionários foram respondidos por 7 professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Abdias Aires de Queiros, na cidade de Cabaceiras e por 13 professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonínio, localizada na cidade de Campina Grande. O total de 20 professores respondeu ao questionário e os quais uso para comparar com as respostas dos alunos, como também, é importante saber da opinião e a forma que os educadores percebem e entendem o fenômeno da violência. O questionário discente foi realizado com 48 alunos do 9^o ano da cidade de Cabaceiras e 68 alunos também do 9^o ano da cidade de Campina Grande. Apresento ços resultados das questões de forma quantitativa.

Neste artigo apresentaremos de forma resumida os resultados do questionamento realizado com os alunos, referente aos tipos de violência presentes nas duas escolas envolvidas na pesquisa.

3. RESULTADOS

3.1 Tipos De Violência Presentes Nas Escolas

Com objetivo de identificarmos as principais formas de violências aplicamos um questionário aos alunos das duas escolas, e nele pedimos que marcassem um “x” no tipo de violência sofrido por eles. Nas alternativas colocamos os seguintes tipos de violência: violência física, violência verbal e violência sexual. Entre os 40 alunos do sexo feminino que afirmaram ter sofrido algum tipo de agressão, 16 foram da cidade de Cabaceiras e 24 da cidade de Campina Grande, do sexo masculino que totaliza 35, desses 11 foram de Cabaceiras e 24 de Campina Grande. Dessa forma, em termos percentuais temos os seguintes números divididos entre as cidades, por tipo de violência e por sexo.

Tabela 1

Alunos Cabaceiras	Feminino	Masculino
Violência verbal	75%	45,45%
Violência física		18,18%
Violência sexual		
Violência Verbal + Violência física	25%	36,36%

Fonte: pesquisa de campo

Tabela 2

Alunos Campina Grande	Feminino	Masculino
Violência verbal	79,16%	66,66%
Violência física		8,33%
Violência sexual	8,3%	
Violência Verbal + Violência física	12,5%	25%

Fonte: pesquisa de campo

A violência escolar se reveste de várias formas e como podemos perceber nas duas tabelas apresentadas, a tabela 1 e a tabela 2, os maiores índices são em relação à violência verbal, principalmente entre as meninas. Porém, os meninos utilizam das duas variedades de violência, a verbal e a física. Em Cabaceiras e em Campina Grande, a maioria dos alunos do sexo masculino respondeu que sofreram violência tanto física quanto a verbal.

Os agressores utilizam de agressões verbais e físicas para oprimir os seus pares, com intuito de serem vistos como os valentões da escola, tornando os mais fracos alvos de suas investidas de alto-estima, exibicionismo e crueldade. Os índices de violência verbal e física são altos e, conforme as tabelas, as meninas em sua maioria sofrem agressões verbais, principalmente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Abdias de Queiros em Cabaceiras, onde 75% das meninas agredidas foi por violência verbal, como também, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonino em Campina Grande nos deparamos com um alto índice de meninas agredidas verbalmente, sendo um total de 79%. No entanto, a violência física e verbal

entre as meninas de Cabaceiras é maior, ficando em 25%, enquanto em Campina Grande o índice é de 12%.

A violência entre meninas, que pensávamos não ser tão frequente, pois existem certas concepções contrárias ao estereótipo de feminilidade, cujas características colocamos como docilidade e afetividade, mas a nossa pesquisa mostra que, assim como os meninos, as meninas também demonstram violência.

A violência verbal é a mais comum entre as meninas, mas também temos agressões físicas que afetam o sexo feminino, mostrando que não são apenas os meninos que estão envolvidos nas práticas de violência na escola, mas também a prática da violência verbal nos leva a entender que as meninas estão sujeitas a uma falta de interação, e bom relacionamento interpessoal, pois a agressão verbal deixa à mostra a pouca sociabilidade dos sujeitos.

A violência com meninas como protagonistas, registrada e relatada nas entrevistas, apresenta um processo diferente da que ocorre com os meninos. Esses conflitos são relatados e comentados como originados nas relações interpessoais das meninas, estimulados por boatos e discussões. Antes da agressão física, existe certo disse-me-disse, discussões, boatos que alimentam o conflito e pressionam as envolvidas para o ato (NEVES, 2008 apud, HERMINIO e ADAM 2017, p. 375).

A violência feminina está como podemos comprovar pela pesquisa, mais relacionada a violência verbal, ou quando a violência verbal e física, e conforme Hermínio e Adam (2017) nos coloca essa violência geralmente é relacionada a boatos e disse-me-disse, gerando, assim, conflitos interpessoais.

4. CONCLUSÃO

Podemos concluir com essa pesquisa que a violência está inserida no ambiente escolar, independente da localização da escola. Pois, mesmo na cidade de Cabaceiras considerada calma e pacata foi observado o fenômeno da violência escolar.

Conforme os dados coletados identificaram a presença da violência escolar e as suas principais formas existente no ambiente escolar. As principais manifestações da violência são relacionadas à violência verbal e à física, tanto entre meninas quanto entre os meninos, mostrando que as meninas também sofrem e são protagonistas da violência. Os índices da violência verbal e física dentro da escola causa-nos preocupação, pois são formas de opressão, demonstração de poder e intimidação. Essas formas de agressão podem causar danos psicológicos e prejudicam as relações interpessoais.

Diante desse quadro entendemos que a educação deve investir em um trabalho voltado para as relações interpessoais e psicológicas dos alunos, não podendo apenas ficar em uma educação voltada aos conteúdos teóricos, mas também abranger o controle da violência entre os alunos, favorecendo assim, um ambiente harmonioso e seguro para os educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. UNICEF: 2001. Disponível : http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf acessado :16.08.2014.

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências** / Coordenado por Miriam Abramovay. – Brasília : UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005

HERMÍNIO, Ana Beatriz, SILVA, Joyce Mary. **Protagonismo De Violência Escolar Por Meninas: Percepções De Professores E Diretores Nos Cadernos De Ocorrência**. Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Confresa Revista Prática Docente. v. 2, n. 2, p. 366-381, jul/dez 2017. disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/geov%C3%A1/Os%20meus%20documentos/Downloads/PROTAGONISMO DE VIOLENCIA ESCOLAR POR MENINAS PERC.pdf>. acessado em 25 de janeiro de 2019.

SPÓLITO. Marília Pontes. As vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar. IN. WESTPHAL. Márcia Farias(org.). Violência e Criança . São Paulo. Ed. USP. 2002. P 249-265.

SPÓLITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educação e pesquisa. São Paulo, v, 27 nº 1, p. 87-103. Jan/jun. 2001.

YAMASAKI, Alice Akemi. **Violência no contexto escolar: um olhar freiriano.** São Paulo, SP: s.n. 2007.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Educação em valores; solução para a violência e indisciplina na escola?** Presidente Prudente: 2014.